

QUATRO IMORTAIS (NO CHÁ DA ACADEMIA) MEDITAM SOBRE A IMORTALIDADE

Quatro jovens oitontões,
no chá da Academia, discorrem sobre
a imortalidade, com senso de humor, ironia
e até de pessimismo. Nada se compara com a juventude,
mas no intelectual a velhice pode ser superada, com
os prêmios do amadurecimento e contínua dedicação ao trabalho —
é o tema dos depoimentos de alguns acadêmicos
que já possuem também mais de quarenta anos na
Casa fundada por Machado de Assis.

Luiz Carlos Lisboa

A escadaria da entrada, austera em seu mármore negro, não é jamais encerrada para evitar acidentes. Por ali sobem, todas as semanas, a caminho do elevador, alguns dos homens mais ilustres do País. A Casa de Machado de Assis, como é conhecida a Academia Brasileira de Letras, tem, nos seus 85 anos de existência, a idade aproximada de um punhado dos seus acadêmicos. Numa quinta-feira recente, saboreando o chá com mãe-benta e os sanduíches de queijo preparados por dona Zulmira, governanta dos imortais, a tentação de fazer um balanço da vida acadêmica predominou por instantes.

A Academia não immortaliza, mas é uma promessa para a posteridade.

— A Academia não immortaliza ninguém — diz Pedro Calmon (80 anos de idade, 46 de Academia). — É uma promessa e, ao mesmo tempo, um prêmio: promessa para uma posteridade que não sabemos como a receberá; prêmio pelo trabalho feito pelo intelectual. Quanto à imortalidade, não creio nela porque a morte tudo leva. Les morts vont vite.

Alguns aprovam com

movimentos de cabeça, outros querem acrescentar alguma coisa. Austregésilo de Athayde, presidente da Academia (84 anos, 24 de presidência), avança uns passos:

— Quando a Academia Francesa designou seus filiados como **imortais**, quis dizer que a lembrança de suas obras seria preservada. Os escritores franceses que, há 300 anos, passaram **sous la coupole** contribuíram para dar imortalidade à sua obra, à sua Academia. Afora isso, os “imortais” não fogem à lei da morte, como eu mesmo posso atestar. Nos trinta anos que aqui passei, já enterrei 54 acadêmicos...

O chá de erva-doce está fumegando nas xícaras. Barbosa Lima Sobrinho (85 anos de idade, 40 de Academia) sorri levemente:

— O que caracteriza nossa imortalidade é talvez o fato de que na Academia a faixa de mortalidade é das mais altas. E no Brasil é assim: morre-se num dia e no outro já se está esquecido e abandonado pela maioria dos antigos admiradores. Se a obra é imortal, muito bem. Além disso, imortalidade é apenas um apelido sem maior significação.

Orígenes Lessa (80 anos, um dos novos na Academia) concorda, com ar pensativo:

— É quase irônico. Imortalidade, em matéria de Academia, é algo que corresponde ao “Ilustrissi-

mo” e ao “Excelentíssimo” que alguns ainda usam no endereçamento das cartas.

Em torno da mesa do chá, nesse instante, têm todos a idade aproximada da Academia. Fala-se nas virtudes da longevidade, nos índices da Academia Francesa, nos prazeres da inteligência na casa dos 80.

— Os que atingem idade propecta e continuam lúcidos e criadores, como ocorre com Menotti del Picchia, agora com 90 anos, são dignos de admiração — diz Austregésilo de Athayde. — É o caso também do Alceu Amoroso Lima (88 anos), do Barbosa Lima Sobrinho e o meu próprio. Temos muitos acadêmicos chegando aos oitenta, em pleno gozo de sua lucidez e inteligência. Penso que o fato de ser acadêmico ajuda, na medida em que colabora para criar uma certa moderação de hábitos e costumes que contribui para conservar esses valores em sua plenitude.

A inteligência dinâmica e criativa, se exercitada todos os dias

— A inteligência continua dinâmica e criativa se é exercitada todos os dias — acrescenta Pedro Calmon, pousando a xícara sobre a

toalha branca. — Não reduzi em nada minha atividade. Ao contrário mesmo, sinto-me agora na plenitude de minhas forças, capaz de afirmar que a velhice é irmã da ociosidade. Os preguiçosos serão velhos mais cedo. Por que não sinto a idade? Porque escrevo livros, leio, estudo o dia todo. Isso tudo pode ser feito sem consideração com a cronologia, fora dos limites tremendos da energia física, de acordo com inspirações escolhidas. Que Deus nos dê uma cabeça sadia, uma máquina de escrever, papel, idéias — e um livro se faz tanto na idade propecta quanto na juventude.

Em Barbosa Lima pouco entusiasmo, mas esperança na superação da velhice

Barbosa Lima não tem o mesmo entusiasmo. Inclina o corpo para a frente, na cadeira, e fala pausadamente:

— Talvez nada se compare com a juventude, como despertar da imaginação, esforço, capacidade de trabalho, mas a própria vida vai-se encarregando de exigir do homem que amadurece a continuação dessa produtividade, superando a contagem dos próprios anos que vão sendo vencidos.

Não que a velhice traga qualidades. Não creio nisso. O que ela pode ser é superada.

A mãe-benta, os biscoitos de ouro, os refrescos de laranja e caju são servidos em bandejas por dona Zulmira. O presidente Austregésilo prefere um copo de leite. Pedro Calmon insiste em realçar os aspectos positivos da vida acadêmica:

— Temos aqui todos os benefícios que a boa convivência produz. Porque a Academia é neutra e aliciante. Nas sessões periódicas da Casa convivem, na familiaridade que a distingue, o modernismo e o conservadorismo. Convivem os que pendem para a esquerda e para a direita, os que querem ir para a frente e os que querem recuar. Disso resulta uma boa média, a simpatia humana, através da qual uma Academia pode, de repente, ter um pensamento, exprimir uma consciência que é produto da observação do grupo acerca dos problemas brasileiros, por exemplo. O convívio acadêmico é uma conciliação, uma concórdia estabelecida entre a variedade dos estilos.

— É verdade — atalha Barbosa Lima Sobrinho. — Não há lugar nenhum em que envelhecer seja tão agradável quanto aquele em que convivemos com companheiros de inteligência e sensibilidade. Posso dizer que passei os últimos quarenta anos desfrutando des-